

abrindo a Questão Religiosa. O *Apóstolo* defendia os prelados, mas O *Mequetrefe*, O *Mosquito*, a *Vida Fluminense*, O *Arlequim*, o *Ganganelli* atacavam-nos. Em S. Paulo, batendo-se pela Abolição e sempre no seu anticlericalismo apaixonado, Luís Gama mantinha a sua luta⁽¹³⁸⁾.

Até 1874, as notícias do exterior chegavam por carta. Nesse ano, a agência telegráfica Reuter-Havas instalou, no Rio, sua primeira sucursal, dirigida pelo francês Ruffier. Na edição de 1º de agosto de 1877, o *Jornal do Comércio* publicava os primeiros telegramas por ela distribuídos: “Londres, 30 de julho às dez horas da noite — Foi malograda a tentativa feita em Millwal para lançar ao mar a fragata de guerra *Independência*, recentemente construída por conta do governo brasileiro. — Londres, 30 de julho às 2 horas da manhã — Faleceu ontem M. Christie, antigo ministro da Inglaterra junto ao governo brasileiro”. Esse noticiário passou logo a ser utilizado por todos os jornais, que criaram uma página internacional, com a cotação do café, ao tempo em Paris. A agência Reuter-Havas serviu 71 anos à imprensa brasileira; ao fim da segunda Guerra Mundial passou a chamar-se *France-Press*. Por esse tempo, a crítica política encontrava campo extraordinariamente fecundo nas revistas ilustradas: vindo de S. Paulo, em 1867, e ingressando logo em O *Arlequim*, Ângelo Agostini passaria ao seu sucessor, no ano seguinte, a *Vida Fluminense*. A 19 de setembro de 1869, começou a circular O *Mosquito*, sob o subtítulo de “jornal caricato e crítico”, com os desenhos de Cândido de Faria que tendo estreado na *Pacotilha*, em 1866, passara depois à *Vida Fluminense* e

(138) Luís Gonzaga Pinto da Gama (1830-1882), era filho de negra africana livre, quitandeira, e de fidalgo branco, que o vendeu como escravo a um negociante que partia da Bahia para o Rio, aos dez anos, e em cuja casa aprendeu a ler, fugindo em 1848, assentando praça na Força Pública, em S. Paulo, servindo até 1854, quando teve baixa, após responder a Conselho por suposto crime de insubordinação, tornou-se, muito cedo, ardente defensor dos escravos. Escrivão de polícia, depois nomeado amanuense, foi demitido pelos conservadores por “turbulento e sedicioso”, porque pertencia ao Partido Liberal. Fundou com Ângelo Agostini *O Diabo Coxo* (1864-1865) e colaborou em *O Cabrião* (1866-1867). Em 1868, trabalhou em *O Ipiranga*, de Salvador de Mendonça e Ferreira de Menezes, como aprendiz de composição tipográfica, onde encontrou, como tipógrafo, a Lúcio de Mendonça. Passou à redação do *Radical Paulistano*, em 1869, onde colaboravam Rui Barbosa, Joaquim Nabuco e Castro Alves. Redigiu *O Coaraci*, de 25 de abril de 1875 a 19 de abril de 1876, e *O Polichinelo*, de 16 de abril de 1876 a abril de 1877. Rompeu com os republicanos paulistas que não esposavam a causa da Abolição e com os jornais que publicavam anúncios de escravos fugidos. Campeão da luta pela libertação dos escravos, em São Paulo, teve apoteóticos funerais, assim noticiados por *O Contemporâneo*, do Rio: “A idéia de que nenhum senhor de escravos, por mais *humanitário* que seja e por mais comendas que lhe estrelem o peito, terá um enterro como teve Luís Gama, nem será chorado como ele foi, mitigou-me a dor que me causara este verdadeiro desastre: a morte do chefe do partido abolicionista”. Estas linhas foram escritas por Raul Pompéia. Luís Gama, além de dirigente político dos mais avançados de sua época, foi dos maiores jornalistas que ela conheceu.